

COIMBRA • 2018

63

BOLETIM DE

**ESTUDOS  
CLÁSSICOS**

ASSOCIAÇÃO  
PORTUGUESA  
DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS

INSTITUTO  
DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

**A EXPOSIÇÃO “MUTATIS MUTANDIS:  
OS DRAMAS DA FORMA. NOS 2000  
ANOS DA MORTE DE OVÍDIO”  
(BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSI-  
DADE DE COIMBRA, 16 A 22 DE  
JULHO E 6 A 30 DE NOVEMBRO  
DE 2017)**

PAULO SÉRGIO MARGARIDO FERREIRA  
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
paulusergius@yahoo.com  
ORCID.ORG/0000-0003-4244-5625

113

A Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC), numa parceria da Universidade de Coimbra com a Fundação Inês de Castro, organizou, no bimilenário da morte de Ovídio (43 a. C. – 17 d. C.), uma exposição intitulada “*Mutatis mutandis: os dramas da forma. Nos 2000 anos da morte de Ovídio, criador das Metamorfoses*”, que teve lugar na Sala de São Pedro (BGUC), entre 16 e 22 de julho, e na Sala do Catálogo (BGUC), entre 6 e 30 de novembro de 2017. A curadora científica da exposição foi Margarida Miranda, docente da secção de Estudos Clássicos do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da

Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.

Na apresentação, que aliou o rigor científico a uma brevidade e clareza absolutamente lapidares, a curadora recorreu a uma imagem de *Publius Ovidius Naso Sulmonensis, ex veteri numismate repraesentatus* (in *P. Ovidii Nasonis Opera omnia*, in tres tomos divisa, cum integris Nicolai Heinsii, D. F. lectissimisque variorum notis...; studio Borchardi Cnippingii, Lugduni Batavorum: ex officina Hackiana, 1670. Vol. 1, p. 14 UCBGJ 1-3-19-236), para apresentar o natural de Sulmona como alguém que, ao enveredar pela atividade poética [pois, como o próprio dizia, tudo quanto escrevia lhe saía em verso (*quod temptabam dicere uersus erat*)], contrariou a vontade paterna, que o queria advogado. A investigadora caracterizou Ovídio como um exímio ‘contador de histórias’ e detentor de uma “imaginação prodigiosa”, e não esqueceu o “grande prestígio do poeta no meio aristocrático romano”; a *relegatio* de 8 d.C., por ordem de Augusto, para Tomis/ Tomos, cidade da Mésia e do Ponto Euxino, e atual Constança, na Roménia, onde viria a falecer; e o facto de as *Metamorphoses*, por conterem “uma espécie de cosmogonia e cosmologia em verso épico” e, por conseguinte, contrastarem com os versos amorosos do poeta, “então considerados frívolos”, lhe terem valido o epíteto de *maior* (*Ovidius maior*). No que a Ovídio diz respeito, talvez não tivesse sido despidendo apresentar as principais obras de Séneca conforme a sequência em que teriam sido compostas: *Amores*, *Heroides*, *Medea*, *Medicamina faciei*, *Ars amatoria*, *Remedia Amoris*, *Metamorphoses*, *Fasti*, *Tristia*, *Epistulae ex Ponto*, *Ibis*, *Halieutica*).

No que toca as *Metamorphoses* propriamente ditas, a investigadora referiu o carácter refratário da obra, escrita embora em verso heroico (como a *Eneida* de Virgílio), a classificações estruturais e genológicas (épica? poesia didática?), e o facto de as *Metamorphoses* tratarem a transformação, por força do amor, de homens, mulheres, deuses e deusas, em fontes, pedras, montanhas, flores e animais, desde a origem do cosmos até a apoteose de Júlio César, num total de 250 episódios. Notou, além

disso, que, em contraste com o programa augustano de regresso aos valores tradicionais de uma cultura predominantemente rural, Ovídio foi “o poeta espirituoso dos salões”. A sua poesia celebrava o indivíduo, a fantasia e o amor; refletia “a metamorfose permanente do mundo, captada, ao mesmo tempo, como essência e como ilusão”; manifestava simpatia pelas vítimas da crueldade divina; e traduzia a “complexidade da natureza humana sujeita à dor e à morte”.

Miranda aludiu à influência da obra nas mais variadas artes, como a literatura, a pintura, a escultura, a música e a dança, e nos mais diversos artistas, como Eliot, Rilke, Hermann Hesse, Virgínia Woolf e Franz Kafka; Picasso e Dali, Haendel e Monteverdi, Richard Strauss, Benjamin Britten, ao longo dos séculos e, em particular, na “sociedade líquida’ das últimas décadas”.

Embora a investigadora não mencione Shakespeare nesta secção, a verdade é que a exposição não deixará de apresentar uma tradução inglesa das *Metamorfoses*, feita por Arthur Golding entre 1565 e 1567, que de tal forma influenciou a literatura inglesa do Renascimento, que acabou conhecida como Shakespeare’s Ovid e reeditada nos anos 60 do século passado (*Shakespeare’s Ovid: being Arthur Golding’s translation of the Metamorphoses*. Edited by W. H. D. Rouse. London: Centaur Press, [1961]). Shakespeare não se deu sequer ao trabalho de ocultar a influência ovidiana na encenação de determinadas cenas da sua obra pautadas pela violência. No *Titus Andronicus*, p. ex., o episódio de Filomela, Tereu e Procne (*Met.* 6.412-674) claramente inspira a violação e o corte da língua de Lavínia, filha de Tito, tanto mais que Marco admite, nos versos 25-26 e 38-43 do ato II, a hipótese de algum Tereu ter violado a jovem, e a própria Lavínia, na cena I do ato IV, tratará de abrir as *Metamorphoses* ovidianas no episódio de Filomela para confirmar a Tito, a Marco e ao filho de Lúcio as suspeitas do segundo.

A curadora informa que tal foi a influência de Ovídio, apelidado de “Profeta”, nos séculos XII-XIV, que estes “ficaram conhecidos como *aetas ovidiana*”.

D. Íñigo López de Mendoza (1398-1458), Marquês de Santilhana, informa, em carta dirigida a seu filho enquanto este estudava em Salamanca (1446-1452), que tinha sido o primeiro em Espanha a encomendar a tradução para vulgar das *Transformaciones (sic)* de Ovídio. Dada a profunda amizade e as afinidades intelectuais entre o Marquês e D. Pedro, Condestável de Portugal, não será de admirar que tenha sido oferta do primeiro ao segundo o exemplar de *Ovidi metamorfoseos (sic)*, “*en vulgar castella*”, que aparecia com o número 73 no catálogo dos livros que constava do inventário dos bens de D. Pedro que se fez no ano da sua morte (1466; cf. Vasconcelos, C. Michaëlis, *Condestável D. Pedro de Portugal. Tragédia de la Insigne Reina Doña Isabel*. Coimbra, 1922, 138-9).

Quem na exposição sobressai, a par naturalmente do próprio Ovídio, são os editores literários, os tradutores e os ilustradores. Assim, nos séculos XV e XVI, o principal editor literário parece ter sido Rafael Régio (1440-1520), humanista profundamente erudito, moralizador que valorizava a dimensão paradigmática dos mitos, isto é, a sua importância enquanto exemplos de vícios e de virtudes, e editor literário do incunábulo mais antigo presente na exposição, publicado em 8 de julho de 1497 (1ª ed., 1493): *P. Ouidii Metamorphosis cum integris ac emendatissimi Raphaelis Regii enarrationibus & repraehensione illarum ineptiarum quibus ultimus Quaternio primae editionis fuit inquinatus. Venetiis: Simon Ticinesis Bibilaqua, octavo idus iulii 1497 [8 julho]*. No séc. XVI, a tradição hermenêutica de Régio – já de si complementar às notas de Lactâncio, professor de retórica do séc. IV que explicava a pagãos a doutrina cristã; às anotações de sete humanistas italianos e aos dísticos de Quintianus Stoa (1484-1557) – ora contende com a de Pedro Lavínio (1510-1534), “filósofo e pregador dominicano” que sustentava que, por meio de Platão e de Pitágoras, teria Ovídio conhecido as profecias sibílicas, os livros de Moisés e a Bíblia dos *Setenta* (edição de 1543, onde as intervenções do comentador aparecem rasuradas); ora acompanha comentários de cinco humanistas italianos e se vê complementada

pelos de Jacob Micyllus (1503-1558), “professor de latim em Frankfurt e Heidelberg” (edição de 1565).

Em nota introdutória ao séc. XVII, foi realçada a importância da crescente escolarização na publicação de edições latinas das *Metamorphoses* integradas em *opera omnia*, muitas delas com “comentários de natureza moralizante e alegórica, glossários e notas”, e/ou acompanhadas, por vezes na página ao lado, de tradução em verso ou prosa para castelhano, francês, inglês ou italiano.

Um dos maiores, quando não o maior editor literário do séc. XVII, foi Nicolaus Heinsius (1620-1681), que, conforme se diz numa nota de apresentação muito didática, não só tinha sido “poeta latino, filólogo e tradutor dos clássicos”, e “possuidor de uma das maiores bibliotecas particulares da Europa”, como também consultara muitos manuscritos em diversas bibliotecas europeias e publicara, em 1652, a obra completa de Ovídio num único volume, onde o texto das *Metamorphoses* se fazia preceder de um resumo de seis páginas, da autoria do flamengo Guglielmo Cantero, que o haveria de acompanhar durante mais de um século. Assim, do referido editor literário, encontramos *Publii Ovidii Nasonis operum* (1664; cf. ed. de 1746), *Operum Publii Ovidii Nasonis* (1684-1685) e a versão do texto latino a que o suíço Daniel Crispino, por ordem de Luís XIV, rei de França, haveria de acrescentar “comentários interpretativos de cada livro e de cada fábula, além de inúmeras notas explicativas e índice”, de modo a organizar uma edição de toda a poesia ovidiana, “para educação do príncipe”, onde o segundo tomo continha as *Metamorphoses* (1689).

Quanto a traduções seiscentistas, exhibe a exposição *Metamorphoseos del excelente poeta Ovidio Nasson* (Burgos, 1609), traduzidas em verso solto e oitava rima pelo Doctor Antonio Perez Sigler. Ao fenómeno não será seguramente alheia a presença, na obra ovidiana de aspetos que claramente prenunciam o barroco, como demonstrou Charles Segal, “Senecan baroque: the death of Hippolytus in Seneca, Ovid, and Euripides”, *TAPhA* 114 (1984) 31125. O investigador, com efeito, notou que

Ovídio, ao descrever o *monstrum* que ataca Hipólito em *Met.* 15.511-513, foi o primeiro a conjugar, na caracterização de um único ser, aspetos típicos dos cetáceos (serem expelidos pelas ondas e alçarem os peitos contra os ventos ligeiros) e dos bovinos (os cornos e o facto de expelirem uma parte do mar pelas narinas e pela goela. Aqui, também se pode vislumbrar uma alusão às baleias que abrem a boca para absorver a água com o plâncton de que se alimentam).

Dada a inclusão das *Metamorfoses* no *Index librorum prohibitorum*, foi ainda no séc. XVII que, segundo a curadora, o Jesuíta Jakob Spanmüller (1542-1626), professor de humanidades e retórica em Dillingen, editou em 1618 “uma antologia das *Metamorfoses* adaptada ao ensino nos Colégios, i. e. “expurgada de todas as obscenidades””.

No que toca o séc. XVIII, realça-se o labor editorial e literário do filólogo e jurista flamengo Petrus Burmannus, que se serviu de seis eruditos para rever e corrigir o texto latino (*Publii Ovidii Nasonis Opera omnia*, IV voluminibus comprehensa. Amstelodami, 1727), a proliferação de traduções nas mais diversas línguas (cf. *Les metamorfoses d’Ovide*. Traduites en François, par Mr. Du-Ryer de l’Academie Françoise, Tome IV. A La Haye: 1728), a continuação da publicação, para ensino nos colégios jesuítas, de coletâneas de textos sem os passos mais obscenos da obra e com função paradigmática (cf. *Pub. Ovidii Nasonis Metamorphose libri XV ad omni obscoenitate purgati*. Studio et operii Iacobi Pontani e Societatis Iesu. Antuerpiae, 1711); e a notável tradução portuguesa, feita por Bocage (1765-1805), de uma seleção de episódios das *Metamorfoses* de Ovídio (recentemente reeditada em Ovídio, *Metamorfoses*, tradução e notas de Bocage, introd. de João Angelo Oliva Neto, São Paulo, hedra, 2007).

No século XIX, continuam as traduções de Ovídio (*Ovide, Oeuvres completes avec la traduction en français*. Publiées sous la direction de M. Nisard. Paris: 1843); as coletâneas de passos e episódios das *Metamorphoses* (*Selectae fabulae ex libris metamorphoseon Ovidii Nasonis...* Noua editio, recognita et prioribus locupletior. Paris, 1821; *Morceaux choisis des*

metamorfoses: texte latin publié avec une notice sur la vie d'Ovide... Par M. L. Armengaud. Paris, Hachette, 1896).

Em nota que apresenta o expositor com as edições críticas dos séculos XX e XXI, é referida a “ausência de um manuscrito autógrafo das *Metamorfoses*”; a confissão de Ovídio, em *Tristia* 1.7, de que não fizera a última revisão do poema; são referidos os testemunhos indiretos e outros antigos que ajudam a reconstituir o texto; passos extensos do séc. X, fragmentos e manuscritos completos do séc. XI que contribuem para a fixação do texto; é realçada, na qualidade de última e mais autorizada, a edição organizada por R. J. Tarrant (Oxford, 2004). Em todo o caso, de tomar em consideração – e também presentes na exposição – são sempre as edições de *Les Belles Lettres* (com texto latino e trad. de Georges Lafaye; Paris, 1925; 8ª ed. 2002), da *Alma Mater* (com trad. de Antonio Ruíz de Elvira; Barcelona, 1964-1969), de *Aris and Phillips* (com a lição de Tarrant e trad. de D. E. Hill; Warminster, 1985-2000), da *Fondazione Lorenzo Valla, Arnoldo Mondadori* (com texto crítico baseado em Tarrant, trad. de Ludovica Koch e comentário de A. Barchiesi e G. Rosati; Milano, 2007); da *Vega* (com lição de Tarant numa página e com trad. de Domingos Lucas Dias na outra; Lisboa, 2006-2008); e, finalmente, da *Cotovia* (com trad. de Paulo Farmhouse Alberto; Lisboa, 2007).

Na parede que ficava em frente de cada expositor, era possível apreciar magníficas ilustrações setecentistas do episódio de Pigmalião e Galateia (*Met.* 10.243-297) e do nascimento de Adónis, fruto da relação incestuosa de Mirra com o pai (*Met.* 10.481-514; ambas as imagens reproduzidas de *Les métamorphoses d'Ovide en latin*, traduites en françois, avec des remarques, et des explications historiques par Mr. L'Abbé Banier...; ouvrage enrichi de figures en taille douce, gravées par B. Picart, et autres habiles maîtres. A Amsterdam: chez R. & J. Wetstein & G. Smith, 1732, t. 2, p. 340 e 342); do episódio de Apolo e Dafne, que, ao fugir do deus, foi transformada pelo pai Peneu em loureiro (*Met.* 1.452-567; ilustração de Pierre-Charles Baquoy, 1759-1829), e do rapto de Europa

por Júpiter sob a forma de touro branco (*Met.* 2.844-875; ilustração de Augustin de Saint-Aubin, 1736-1807); dos episódios de Orfeu e Eurídice (*Met.* 10.1-77; ilustração de Nicolas de Launay, 1739-1792; as três últimas ilustrações reproduzidas de Noël Le Mire (1724-1800), *Les Métamorphoses d'Ovide gravées sur les desseins des meilleurs peintres français*. A Paris: chez Basan [et] Le Mire, [1767]-[1770], N.º 18, 38 e 102) e de Eco e Narciso (*Met.* 3.339-510; ilustração de Philipp Van Gunst, séc. XVII-XVIII; duas ilustrações reproduzidas de *Les metamorfoses d'Ovide en latin...* (v. supra), 1732. T. 1, p. 95 e p. 98).

Em suma: a forma criteriosa como foram selecionadas as obras, a conta, peso e medida com que foram usadas as ilustrações, a organização da exposição com base num critério temporal, a forma breve, clara e didática como foi apresentada a vida de Ovídio, as *Metamorfoses*, os principais editores e alguns episódios míticos não só refletem o bom gosto e a sensibilidade de quem a organizou e comissariou, mas também constituem um grande incentivo para se aprofundar o conhecimento de uma obra tão complexa, mas, ao mesmo tempo, tão fascinante. Como forma de reconhecimento às pessoas que tanto empenho puseram em tão importante trabalho, será justo terminar esta notícia com a parte da ficha técnica que ainda não referi:

120

### **Apoio biblioteconómico e montagem**

Maria de Fátima Bogalho

Maria José Silva Pereira

Maria Luísa Sousa Machado

José Mateus

### **Produção gráfica**

Nozzle Lda.

**Colaboração**

9º Festival das Artes “Metamorfoses”